

## ABADIA CISTERCIENSE - CORRELAÇÃO DO PERÍODO ARQUITETÔNICO ROMÂNICO AO CONTEMPORÂNEO

Nathália Roszczinieski da Rosa<sup>1</sup>  
Igor Norbert de Soaes<sup>2</sup>  
João Vicente Machado Schmitz<sup>3</sup>  
Tarcísio D de Oliveira<sup>4</sup>  
Bruna Fuzzer de Andrade<sup>5</sup>

**Palavras-chave:** Releitura; Arquitetura românica; Elementos construtivos.

### 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Período Românico traz consigo diversas características pela expansão do território ocidental. E é através dessas mudanças que percebemos a evolução da Arquitetura Românica, que segundo Pereira (2010, p. 113) reflete em seus processos construtivos, como nas superfícies de suas paredes externas, que perdem a idéia de parede contínua e no desenvolvimento das estruturas abobadadas, dentre outras características que compõem o período românico.

A igreja da Abadia, reflete a ordem Cisterciense, que foi instituída em 1906, no decorrer do período românico, refletindo as características do estilo Românico, se tornando uma releitura plausível, com consistência e fundamentada, abordando características humanas deste período.

Com a finalidade de realizar uma análise sobre as mesmas, no qual objetiva-se adquirir conhecimentos detalhados sobre a história e as características da Abadia, associando seus principais elementos constituídos no período arquitetônico românico ao arquitetônico contemporâneo, enfatizando a importância da releitura e de adquirir informações sobre estes, a partir do momento em que faz parte da história da evolução da arquitetura.

<sup>1</sup>Aluno do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Departamento de Ciências Exatas e Engenharias – DCEEng da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Integrante do Grupo de Pesquisa Espaço Construído, Sustentabilidade e Tecnologias - Gtec da UNIJUÍ. E-mail: nathalia.rosa@sou.unijui.edu.br

<sup>2</sup>Professor Mestre – Departamento de Ciências Exatas e Engenharias – DCEEng, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Profº. Colaboradora do Grupo de Pesquisa Espaço Construído, Sustentabilidade e Tecnologias - Gtec da UNIJUÍ. E-mail: igor.soares@unijui.edu.br

<sup>3</sup>Aluno do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Departamento de Ciências Exatas e Engenharias – DCEEng da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Integrante do Grupo de Pesquisa Espaço Construído, Sustentabilidade e Tecnologias - Gtec da UNIJUÍ. E-mail: joaoschmitz@outlook.com

<sup>4</sup>Professor Mestre – Departamento de Ciências Exatas e Engenharias – DCEEng, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Profº. Colaboradora do Grupo de Pesquisa Espaço Construído, Sustentabilidade e Tecnologias - Gtec da UNIJUÍ. E-mail: tarcisio.oliveira@unijui.edu.br

<sup>5</sup>Professora Mestra – Departamento de Ciências Exatas e Engenharias – DCEEng, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Profº. Colaboradora do Grupo de Pesquisa Espaço Construído, Sustentabilidade e Tecnologias - Gtec da UNIJUÍ. E-mail: bruna.fuzzer@unijui.edu.br

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa tem como objetivo o estudo e análise crítica dos elementos arquitetônicos da Igreja de Abadia Cisterciense, que a partir dela, traz referências significativas sobre o período Românico. Desta forma, pretende-se tomar conhecimento sobre os principais traços e formas expressadas no templo, a partir de referenciais teóricos, documentos e livros, analisando e selecionando argumentos que auxiliam no conhecimento e na interpretação do tema abordado.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 3.1 CONCEPÇÃO DA RELEITURA NA ARQUITETURA

A releitura nas artes em gerais, constitui a capacidade de criar o novo a partir da modificação do conhecimento, mas de maneira parcial, apropriando-se de elementos do passado como ponto de partida para a criação, mantendo os princípios que fundamentam tal obra ou conhecimento, por isso, acaba-se moldando a imagem ou conhecimento original.

Carrega consigo uma herança histórica, onde a qual não é modificada, muito menos, os aspectos físicos e material tangível, mas sim, a forma em que iremos representar esta imagem, causando na mente do receptor duas realidades, “passado e futuro”, tornando-se perceptível, algo que pertence um ao outro, o que é considerado de extrema importância ao se criar uma releitura, determinando comparações através da sua bagagem pessoal.

A releitura na Arquitetura, podemos chamar de releitura arquitetônica. Barbosa (2000, p. 14) nos diz que “o ato de projetar um novo objeto arquitetônico baseando-se em outros, é um procedimento consciente, no qual o ato criativo acontece baseado no existente. Criação em cima de outra criação, onde o novo é gerado a partir do conhecido”. Por isso, devemos saber “ler” o que a obra retrata, com olhos modernos.

### 3.2 ACEPTÃO DO ESTILO ROMÂNICO NA ABADIA CISTERCIENSE

A Igreja da Abadia, reflete a Ordem Arquitetônica Românica, transparecendo calma. Além disso, nos trás a humildade e humanidade deste período da história. O exterior da Abadia, produz uma sensação de peso e força, já o seu interior, traz leveza, assim, essas características, acabam expressando grandeza e solidez, transmitindo a “fortaleza de Deus”, remetendo ao período

arquitetônico românico, onde as igrejas eram projetadas exatamente com a mesma intenção de fortaleza e grandiosidade.

Além de características volumétricas, outro ponto em que a igreja da Abadia foi projetada lembrando o período Românico, são as paredes grossas e janelas pequenas, o que na igreja Cisterciense também ocorre, mas podemos notar que mesmo com as características deste período, a igreja apresenta diversas características próprias.

Desta forma, percebemos que o templo apresenta referências importantes que foram estudadas, por isso, possui consistência, que torna o projeto com uma releitura fundamentada e que foi feita de maneira correta, buscando os princípios do período mas sem deixar de lado a contemporaneidade.

No período românico, os templos eram divididos em nave lateral, nave central, átrio, abside, coro, cruzeiro, absidíolas e transepto. Estas partes resultaram nas igrejas daquela época. A nave lateral fica sempre abaixo da nave central, que é a mais larga e mais alta que as naves laterais.

A planta baixa da Igreja da Abadia, como a figura 01, nos mostra as divisões da igreja em planta, e assim podemos identificar as naves laterais, nave central, abside, átrio e a localização e quantidade de colunas no projeto. Nota-se que o arquiteto não adotou a cruz latina no projeto, o que era algo extremamente marcante do período românico, e a

[...] relação existente entre o transepto e o conjunto nave-abside determina as figuras planimétricas conhecidas com os nomes de planta “em cruz grega” e planta “em cruz latina”, conforme se igualem ou não as dimensões longitudinal e transversal da igreja. (PEREIRA, 2010, p. 111).

Figura 01 -

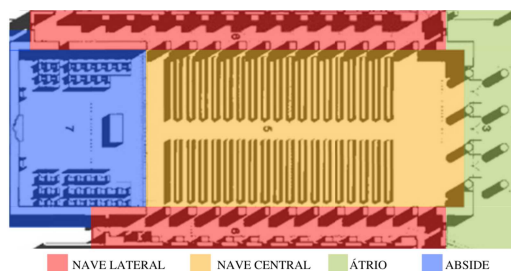


Figura 01 - Divisão de ambientes em Planta Baixa Abadia Cisterciense;  
Fonte: Modificado de Archdaily;

O altar é chamado de abside, e fica alinhado com a nave central, como as igrejas do período românico. A Abadia, também possui um abside, que é alinhado com a nave central, mas possui o dobro do tamanho da abside do período arquitetônico românico, assim, o altar fica mais amplo e suporta mais pessoas.

A Abadia foi projetada com as naves laterais e a nave central, como no românico, porém ambas seguindo o mesmo nível, que no período românico,

[...] a altimetria da igreja nos dá referências claras sobre a espacialidade arquitetônica buscada, tanto segundo a relação entre altura e comprimento da nave principal, como a relação que se estabelece entre a altura dessa nave principal e as naves laterais. Em ambos os casos, as relações se tornam maiores à medida que abandonamos o Mediterrâneo e vamos subindo em latitude geográfica. (PEREIRA, 2010, p. 111).

O átrio é a entrada principal e no período românico era caracterizada por ser extremamente ornamentada, no portal existia o tímpano, que ficava na parte superior do portal principal, era a área em que mais havia esculturas, além do mais, por ser considerado muito grande, foi colocado no centro um pilar, chamado tremó, que acabava dividindo a porta em duas partes.

A porta, o portal, intradorso ou o tímpano, não são considerados partes distintas uma das outras, além disso, a porta tem um significado muito importante para os românicos, não serve apenas como um portal de entrada e saída, mas

[...] a porta da igreja é pensada e estabelecida como uma metáfora da porta da cidade: como a civitas Dei e a cidade medieval real. [...] a porta, o tímpano, o intradorso, o pórtico e a galilé estabelecem relações espaciais e icônicas variantes com o organismo arquitetônico e também com a cidade. (PEREIRA, 2010, p. 117/118).

A Abadia possui uma entrada marcada, porém não é a mesma intenção do românico original, nela não encontramos o tímpano e nem o tremó, muito menos as ornamentações na fachada, tornando-a mais simples. Mas podemos notar que nela há três portas, e entre cada uma delas existe um pilar, totalizando 4 pilares na fachada, que além de ser visual, sua função também é estrutural.

Naquela época, era utilizado as colunetas, que são características do período românico e gótico, possuíam a função de decorar. Também usavam as colunas, que eram finas e com capitéis diferenciados, e as duas, serviam para dividir a nave central da nave lateral. Na Abadia, foi utilizado pilares, e podemos perceber que tem a mesma ideia, mas com pilares quadrados em maior quantidade e com uma função estrutural.

Os principais materiais utilizados para construção da Abadia, foram pedras. Segundo ArchDaily (2013), estas pedras foram tiradas de uma pedreira do Texas, pedras de calcários, foram cortadas e transportadas até o local onde foi construída a igreja. Os blocos mediam cerca de 90x180x60 cm de profundidade, e com estas, foi feito o piso do altar.

Além das pedras, foi utilizado vidro no telhado, madeira nas janelas e ferro nas portas. Às 22 colunas das laterais, foram feitas de forma retangular - que antigamente eram feitas em forma de cilindro - feitas de concreto e moldadas no local, permanecendo de concreto aparente. O corredor possui acabamentos em gesso e painéis de concreto.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na arte é comum haver releitura e significa fazer a obra de novo, acrescentando ou retirando informações, na arquitetura também, a releitura constitui-se na capacidade de haver uma inspiração no que já foi feito a fim de criar o novo. A releitura sempre carrega em si a lembrança do seu precedente e a obra nova remete a lembrança da imagem relida, tornando impossível separá-los na imagem transmitida ao observador.

Para praticar a releitura, é preciso entender os estilos e obras arquitetônicas, conhecendo todo o contexto, e suas características de cada estilo arquitetônico. Por esse fato, essa pesquisa objetivou trazer aspectos construtivos sobre a releitura, o estilo românico em si e também o estilo românico na abadia.

E foi possível notar, a importância de ter o conhecimento histórico, pois interfere extremamente em nossos projetos, assim conseguimos transmitir algo de fato, não tornando-os superficiais. E na releitura da Abadia, podemos perceber o quanto foi embasada e estudada para que a releitura demonstrasse o passado e o presente, em um único campo de visão, tornando o projeto uma única coisa só.

#### 5 REFERÊNCIAS

ARCHDAILY. Igreja da Abadia Cisterciense / Cunningham Architects, 2013. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-96496/igreja-da-abadia-cisterciense-slash-cunningham-architects>>

ARCHITECTS, Cunningham. Igreja da Abadia Cisterciana, 2002. Disponível em: <<https://www.cunninghamarchitects.com/work#/cistercian/>>

BARBOSA, Marília. Releitura na Arquitetura, 2000. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/63945737-Releitura-na-arquitetura.html>>

PEREIRA, José Ramón Alonso. Introdução À História da Arquitetura - Das Origens ao Século XXI. Porto Alegre: Bookman, 2010.